**IMORTAIS DA ACADEMIA**

**EPISÓDIO 6 – A PALAVRA MOVE A TERRA**

**01:00:17:14**

**ABERTURA**

**01:00:22:15**

**OFF**

Quarenta cadeiras que acolhem passado e presente,

Arte e ciência, pensamento e memória,

Legando o que há de mais notável na literatura brasileira.

A cada episódio, uma cadeira a revelar gerações de brasis.

Sob o teto da Academia Brasileira de Letras,

Assenta-se o nobre e glorioso domínio da imortalidade.

**01:01:03:10**

**VIDEOGRAFISMO – Imortais da Academia**

O primeiro livro que eu escrevi, “O diabo chega ao meio dia”, o principal conto é uma novela contando a vida de um escritor, um escritor meio fracassado na vida. Todo mundo pensou ‘É você, é autobiográfico?’ Não, pelo amor de deus. O sujeito era alcóolatra, fumava maconha e era cleptomaníaco. Não tenho nenhum desses vícios.

**01:02:00:02**

**VIDEOGRAFISMO – Cadeira 06: A palavra move a terra**

**01:02:07:05**

**CÍCERO SANDRONI – Atual ocupante da cadeira 06**

Eu entrei para o Correio da Manhã em fins de 65. Era época do golpe militar, e o ditador da época era o Marechal Castelo Branco. Que era uma ditadura um pouco branda digamos, se isso pode existir, ditadura branda, não existe. Mas é uma ditadura que cassou muitos políticos, cassou Juscelino Kubitschek e políticos realmente importantes, Celso Furtado - economista, mas havia uma certa liberdade de imprensa. Não havia sensor dentro dos jornais, quando aconteceu depois do AI5. Então eu fazia uma coluna chamada 4 Cantos, que foi mais ou menos inventada lá no jornal por um jornalista chamado Nilo Dante, que era o chefe da reportagem. À partir daí eu senti uma janela para fazer a crítica do regime militar. O Coni, Carlos Heitor Coni, hoje nosso confrade aqui, foi o primeiro a escrever contra o regime militar. Mas quando eu cheguei lá, ele já tinha saído. Então, de alguma maneira eu procurei seguir o caminho dele. Quer dizer, foi uma coluna de resistência, até que veio o AI5 e aí não dava mais para continuar. Mas eu falei muito mal do militares nessa época. Eu trabalhei lá até a invasão do jornal. O jornal foi invadido, e aí a censura passou a ser feita dentro do jornal. E eram oficiais do exército que vinham e tinham que rever todas as matérias antes de serem publicadas. Acontecia uma coisa interessante, havia um certo diálogo entre os censores e os repórteres e redatores, para mostrar aos censores que precisava mudar, então, o governo resolveu mudar os censores de duas em duas semanas. Quando eles já estavam quase do nosso lado, saíam e vinham outros mais duros. Foi uma época difícil, uma época muito difícil.

**01:04:36:11**

**MUNIZ SODRÉ – Jornalista e professor**

O Cícero é o que eu poderia chamar de uma vocação jornalística por inteiro. É difícil dizer porque um jornalista se destaca fora do grande material do jornalismo que é a reportagem. O 4 Cantos, eram notas onde tinham a predominância política, mas não era coluna política. Era uma coluna de variedades, variedades, mas em que as notícias eram escolhidas em função de uma certa perspicácia com relação ao social. É isso que faz a diferença com a coluna. Era ele, o colunista, e a vida social ali, portanto as relações dele conhecia, as fontes dele, que ele conhecia. Então você tinha uma transparência maior da vida social real, efetiva, fora da televisão na coluna dele. E o Cícero nunca se projetou, fora dessa esfera do jornal, praticamente ele esteve em quase todos os jornais do Rio, o último o Jornal do Comércio, escreveu um livro enorme, não sei se você conhece, sobre o Jornal do Comércio, que é um livro interessantíssimo, faz parte da história da imprensa.

**01:06:00:11**

**OFF**

“Appertura

Segundo conta a lenda, os assessores presidenciais estavam muito interessados em um *appert ura* democrática, para o país respirar um pouco. Tanto falaram em *appert ura* que o presidente resolveu apertar, mesmo.”

Quatro Cantos - Cicero Sandroni, no Correio da Manhã

**01:06:24:00**

**CÍCERO SANDRONI – Atual ocupante da cadeira 06**

Depois, eu fui para o Jornal do Brasil, antes eu passei pela Manchete, onde o Carlos Cony trabalhava, e a Manchete não era uma revista de oposição, mas o Cony dizia ‘Nós precisamos aproveitar o espaço gráfico dos Bloch.’ Então tudo que a gente podia fazer de alguma maneira, quer dizer, que não afetava diretamente a posição do jornal, a gente fazia. Reportagens, entrevistas, e passamos a ter uma seção de obras primas que poucos leram, em que várias pessoas perseguidas pelo regime militar escreviam sobre obras revolucionárias. Mas também fiquei 6 anos na Manchete. Foi uma época dura, foi época do Médici. Eu tinha 4 filhos, 5 filhos, então, o último é temporão, mas pegou essa época, então, ou você ia para a oposição clandestina, ou você ia para um jornal, para uma revista como a Manchete. Depois eu vi que não tínhamos muitas condições em desenvolver na Manchete, e então fui para o Jornal do Brasil. Eu tive um diretor, quer dizer, que era favorável ao golpe, mas ele me dizia o seguinte ‘Você tem liberdade, só não pode falar mal do Supremo Tribunal Federal.’ O Supremo continua muito bom, muito importante, fundamental, mas naquela época a gente não podia nem entrevistar Supremo, ministro do Supremo, porque diziam sempre: Ministro fala do Supremo assim como o juiz fala nos autos.” Então não dá entrevista. Tudo o mais, poderia falar. Chegou um momento que eu fiz uma nota contra o ministro do exército naquela época, ministro do exército do Figueiredo. E assim foi até que veio a famosa, sempre entre aspas, anistia, e aí eu deixei o Jornal do Brasil e fui fazer uma coluna no Última Hora, chamada Ponto de Vista, que foi uma coluna, que, bom, o jornal Última Hora era um jornal que na época tinha sido destroçado pelo golpe militar, mas ainda existia. E eu fiz uma coluna em que lutei muito pela, escrevi muito a favor das eleições diretas. Infelizmente não tivemos eleições diretas, foram indiretas, mas pelo menos os militares se afastaram do poder.

**01:09:15:23**

**OFF**

Cicero Sandroni fez de seus escritos veículo

Para que seu tempo fosse lido.

Por outras vias, o mesmo fez o patrono de sua cadeira.

Casimiro de Abreu consagrou o espírito de uma época

Em seus poemas ultrarromânticos.

**01:09:36:25**

**CASSIA SANTANA – Doutora em letras**

A poesia de Casimiro de Abreu está centrada na saudade da pátria, saudade da infância, da recém infância perdida, no amor. É uma poesia doce, como diz o Cândido. São versos que agradam pela melodia. Mas eu acho que o grande marco da poesia do Casimiro está no som, na melodia, nessa poesia que parece que é musicada, cantada, e essa expressão que ele tem mesmo de saudades, saudade da pátria querida, dessa pátria amada. Porque são poesias que inicialmente foram escritas num período em que Casimiro não estava no Brasil. Ele sai do Brasil ainda muito jovem, e ele passa 3 anos e meio em Portugal, e é lá em Portugal que o Casimiro vai se tornar conhecido, e é engraçado porque foi Portugal que permitiu, de certa forma, que viabilizou a Casimiro o reconhecimento literário que ele tanto almejava. Porque ele não queria ser caixeiro, ele não queria ser comerciante, como era a vontade do pai. Caseiiro queria ser poeta, ele queria ser literata.

**CASIMIRO DE ABREU – Patrono Cadeira 06**

**01:10:52:00**

**OFF**

Como são belos os dias

Do despontar da existência!

- Respira a alma inocência

Como perfumes a flor;

O mar é - lago sereno,

O céu - um manto azulado,

O mundo - um sonho dourado,

A vida - um hino d'amor!”

*Meus Oito Ano* - Casimiro de Abreu

**01:11:22:10**

**CASSIA SANTANA – Doutora em letras**

O Casimiro de Abreu é um poeta romântico da segunda geração, que recebeu muita influência do Gonçalves Dias, que é nosso grande expoente da primeira geração romântica. Mas ele é considerado ainda como um escritor menor por alguns críticos, inclusive por Antônio Cândido, e talvez, por considerarem que a poesia de Casemiro agrada muito àquele leitor do gosto médio, que não esteja tão preocupado com os aspectos da perfeição da linguagem.

**01:12:00:15**

VINHETA – Estamos apresentando

 Imortais da Academia

**01:12:18:23**

VINHETA – Voltamos apresentar

 Imortais da Academia

**01:12:27:00**

**OFF**

À Academia Brasileira de Letras

Nunca faltaram nomes de vulto da história do Brasil.

Barbosa Lima Sobrinho, longe de fugir à regra,

Deixou sua assinatura em momentos-chave

Como o diretas já e o impeachment de Collor.

**01:12:45:05**

**EUGÊNIO BUCCI – Jornalista e professor**

Barbosa Lima Sobrinho é um símbolo da própria instituição da imprensa no Brasil. Houve um tempo, na ditadura militar em que quando alguém queria alguma coisa da sociedade civil, precisava falar com ABI, que era a Associação Brasileira de Imprensa, OAB, dos advogados e a CNBB, dos bispos do Brasil. Nessas 3 instituições se concentrava a energia do que se chamava precariamente de sociedade civil no Brasil. A ABI era o Barbosa Lima Sobrinho. Ele preside a Associação Brasileira de Imprensa, a ABI, em períodos diferentes, mas no final da vida ele fica 30 anos na presidência da ABI. Essa marca jornalística dele vai além do que é uma redação, além do texto. Ela se projeta, se expande pros limites mesmo da sociedade civil. Então existe um período em que Barbosa Lima, numa pessoa física é uma instituição.

**01:13:51:20**

Barbosa Lima Sobrinho – Posse em 1938

**01:13:54:01**

**EUGÊNIO BUCCI – Jornalista e professor**

Uma figura gigante na história do século 20 no Brasil, e um homem de letras sempre atuantes.

**01:14:16:09**

**MARCELO LAVENÈRE – Ex presidente da OAB**

Em 1992, nós não tínhamos nenhuma experiência de impeachment no nosso país. O presidente da república era um presidente muito fortalecido pela sua figura, eleito sem ter partido político, sem ter grandes apoios, eleito só com o carisma da sua personalidade. Quem votou no Presidente Collor, votou certo de que ele era um caçador de marajás, e ele era o homem que ia salvar o Brasil de todos os males que o Brasil apresentava até então. Quando se verificou que de fato não era aquilo que, o presidente da república não era aquilo que ele vendia como sendo a sua imagem. Isso causou uma comoção muito grande no país. As pessoas que eram mais favoráveis ao impeachment, eram as pessoas que mais acreditavam antes na figura do presidente da república. As elites brasileiras conviviam bem com o Collor, tinham divergências, mas conviviam bem com o Collor. A mídia, a grande mídia brasileira convivia bem com o Collor, não fazia nenhum trabalho sistemático de oposição ao presidente da república, pelo contrário, tinha afinidades ideológicas, a abertura do país, da economia, a abertura para o capital internacional, a suposto modernização que se queria fazer da economia brasileira, tudo isso era muito ao gosto das elites brasileiras e das elites internacionais. De modo que o impeachment do Collor foi um episódio assim que não mexesse com estruturas muito firmes, muito sólidas do país. Até hoje é o único processo de impeachment do mundo que tem começo, meio e fim. E que transcorreu sem nenhum atrito, sem nenhuma turbulência maior, por conta mesmo do cuidado com que Dr. Barbosa, eu e Dr. Evandro Lins e Silva, nós conduzimos o processo.

Essa petição foi feita por um coletivo de advogados de São Paulo. Esses advogados quando terminaram os trabalhos da Comissão Parlamentar Mista de Inquérito, esses advogados de São Paulo, espontaneamente também se reuniram, e começaram a redigir aquilo que era uma petição que eles mesmos nem sabiam se seria utilizada ou não. Depois de feita uma primeira versão dessa petição, eles mandaram essa petição para o Rio de Janeiro para submeter à alguns colegas também do Rio, entre eles o Dr. Evandro e o Dr. Clovis Ramalhete, que também fizeram as suas achegas, as suas contribuições para a petição. Essa petição então, ficou pronta, e foi essa petição que depois de terminada sua elaboração, foi assinada pelo Dr. Barbosa e por mim, que foi a petição do impeachment do Presidente Collor. E o impedimento dele foi um impedimento que uniu o país. Nós estamos diante de algum fato posterior, semelhante, e nós constatamos em que a mesma discussão divide o país, racha o país em dois Brasis, inclusive com sentimentos de intolerância muito fortes. Isso não aconteceu no processo de impeachment do Presidente Collor. De modo que é bastante diferente de outras experiências que nós estamos vivendo hoje.

**01:18:06:09**

**OFF**

Do pernambucano Barbosa Lima Sobrinho,

Ao paulista Cicero Sandroni,

A cadeira seis abriga homens que têm a palavra como trunfo político.

**01:18:21:27**

**CÍCERO SANDRONI – Atual ocupante da cadeira 06**

“A arte de mentir” foi um livro de crônicas que eu publiquei, era um livro de pequenas crônicas, e tinha uma crônica que era A arte de mentir, porque era uma crônica bem atual, porque eu falava na Roma antiga e num grande homem, grande escritor, grande satírico romano chamado Juvenal. Então convidaram o Juvenal para ir para o senado de Roma, e ele chegou lá no senado, chegou para os amigos que queriam leva-lo para o senado, ‘Não, eu não vou para o senado. Eu vou para Roma. Eu não sei mentir, então não posso ir para o senado.’ Então ficou a arte de mentir, a arte do senado. E é muito atual.

**01:19:17:14**

**OFF**

“A mentira acompanha o ser humano desde os tempos bíblicos. Lembram-se do diálogo inaugural do anjo decaído travestido em serpente, em Adão e Eva? Se tudo começou assim e continuou com Caim ao mentir sobre o fratricídio e fundar o gênero do romance policial, quem nesta história da estupidez humana poderia viver sem contar uma mentira mesmo sem ser pescador ou caçador? Ou um aventureiro? Ou um simples e bem-educado cavalheiro a trocar a verdade por uma hipocrisia social?”

*A Arte de Mentir* - Cicero Sandroni

**OFF**

Ora jornalística, ora literária,

À obra de Cicero Sandroni

Não poderia faltar a irresistível crônica.

CICERO SANDRONI – Posse 2005

**01:20:14:00**

**AGNES RISSARDO – Doutora em literatura brasileira**

O jornalismo sempre foi um meio para os escritores, um meio de vida. Eles precisavam de um salário, e a gente sabe que a literatura nunca sustentou ninguém, então eram advogados, eram médicos, e que por um motivo ou outro acabavam numa redação. Ou como repórteres, ou às vezes não eram repórteres mas, como o caso do Machado de Assis por exemplo, ele ia acho que diariamente para a redação, mas ele escrevia crônicas. Mas ele não saía da redação, ele não ia apurar uma matéria, nada disso. Mas era considerado um jornalista, porque ele trabalhava num jornal. E a crônica também já tem essa, esse caráter híbrido entre literatura e jornalismo. É alguém que está ali escrevendo sobre os fatos do dia, porque a ideia inicial da crônica é essa, falar sobre o momento, sobre fatos que estão ocorrendo, e dar um caráter mais pessoal daquele autor. E claro que a crônica depois foi mudando, tem muitas crônicas em tom memorialista, o autor pode falar sobre fatos que ocorreram na sua infância, por exemplo.

Essa volta às reportagens longas, a uma busca por um jornalismo mais literário, eu falo volta porque isso já ocorreu também no passado, já houve essa discussão no passado. “Estamos perdendo leitores.” Muito em função da época da televisão, porque o jornal quando sai ele já está velho, ele já está velho, então hoje a gente tem internet que é ultra rápida, mas também havia televisão antes. Então, isso não é tão novidade assim para o jornal. O jornal sobreviveu a TV. O espaço da literatura nos jornais diminuiu drasticamente. Então a gente antes tinha muito mais suplementos literários nos jornais, era praticamente obrigatório um jornal ter um suplemento literário. Isso está acabando, infelizmente. Os grandes jornais aboliram os suplementos literários. Ou a gente publica uma resenha numa revista literária, numa revista acadêmica literária, que também já é outro público, ou a gente não sabe onde vai publicar mais, né? Porque cada vez mais existem poucas opções.

**01:22:50:10**

**OFF**

A inveterada afinidade entre jornalismo e literatura

Atravessa gêneros textuais, vidas, obras.

Encarna, enfim, a força da palavra.

**OFF**

“O poeta move a Terra. Lento, mas persistente, com a força da palavra ele reforma a realidade e transforma o concreto. Ao elaborar seu poema a partir da vida e do cotidiano, retira da circunstância o dado essencial. Sua frase, mesmo banal, revela todo o sentimento do mundo.”

O poeta move a Terra

Cicero Sandroni, em A Arte de Mentir

**01:23:36:09**

**MUNIZ SODRÉ – Jornalista e professor**

Eu diria que o Cicero é um que você chamaria em inglês, *he is a natural.* Ele é um natural do jornalismo. Se eu tivesse jornal e botasse hoje, eu gostaria muito de chamar o Cicero para chefe de redação, redator chefe, colunista. Porque ele é natural. Ele é um natural do jornal. Ele é um padrão, é um paradigma de jornalista pra mim. Aí esse paradigma é por comportamento, é por comportamento. E esse paradigma se desloca. Você tira esse cara do espaço do jornal, não tem mais. Não tem mais lugar para um cara como o Cicero, e bota na Academia Brasileira de Letras, ótimo! Ele está no lugar certo.

**01:24:31:27**

**VIDEOGRAFISMO**

Cadeira 06

Patrono – Casimiro de Abreu

Fundador – Teixeira de Melo

 Artur Jaceguai

 Goulart de Andrade

 Barbosa Lima Sobrinho

 Raymundo Faoro

Atual – Cicero Sandroni